AVEIRO, 8 DE ABRIL DE 1972 * ANO XVIII * N.º 905

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo ★ Administrador — Alfredo da Costa Santos
Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ★ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

ACONTECEU... SEM FRIO!

DR. ARAÚJO E SÁ

— «OLHA O SNR. DOUTOR!», *exclamaram três miúdos, talvez mestres de cozinha amanhã num grande hotel, e que hoje lavam pratos, copos e talheres num restaurante de Aveiro, onde às vezes vou comer bacalhau assado.*

— «DÊ CÁ UM ABRAÇO!», *era o «Ti Jaquim», que há meses me dera braçados de couves, quando me vi aflito com centena e meia de frangos, tirados em chocadeira emprestada, que me iam comendo o coiro e o cabelo!*

— «ESTIVE PARA LHE MANDAR PARA ANGOLA UMA LATA COM RIJÕES!», *ouvi da boca do Alfredo, que me deliciara noutros tempos com lampreias de estalo no restaurante onde é chefe de cozinha.*

— «E AQUELA DO FUTURO MÉDICO QUE LHE PASSA AS CALÇAS A FERRO EM LUANDA...», *primeiras palavras do Zé, sócio do Baleca, no talho onde tantas vezes fui buscar ossos para o «Kiry», o meu fox-terrier esquisito na comida.*

— «ESTÁ MAIS QUEIMADO!», *assim me achou o Armando (estabelecido com negócio de linhas, botões, gravatas, cuecas, saias, camisolas, peugas, raminhos de flor de laranjeira para as noivas e tudo o mais que se vista ou que se calce), que de Aveiro foi a Lisboa esperar-me, ao aeroporto, e a quem ofereci lagostas angolanas que comeu como qualquer ricaço dos muitos que há por aí.*

— «ORA VIVA O NOSSO MAJOR!», *assim gritou o Xico Gonzalez, perfilado em impecável continência à porta da sua casa de modas, na Avenida.*

— CÁ TENHO LIDO OS SEUS ESCRITOS...», *era o Coronel Moreira, leitor assíduo do Litoral e orador de reconhecidos méritos, com quem tomei café e brandy, após o cozido-à-portuguesa com que me presenteou minha mulher na primeira refeição que comi em casa.*

— «POR CÁ?...», *eis a per-*

Continua na página três

AVEIRENSE GALARDOADO NO BRASIL

Um júri constituido por destacadas individualidades no mundo brasileiro da publicidade atribuiu o prémio maior, no I «Concurso de Melhor Solução Fotográfica de Anúncio», ao aveirense Manuel Bandarra, que no país irmão há muito alcançou firmados créditos, conquistando expressivos galardões, de que jubilosamente aqui temos dado notícia.

Manuel Bandarra — com o apelido e... as responsabilidades de uma família de artistas — é hoje director de arte na «Rino»; mas alcançou este seu último prémio com um trabalho realizado quando ainda dirigia artisticamente a «Benson».

A solução fotográfica classificada foi a dada ao anúncno «Que papel o Brasil está fazendo?»

Também com o anúncio «Beauty Power» Manuel Bandarra alcançou, no mesmo concurso, uma menção honrosa.

Celebra-se este ano, com programa nacional condigno, o cinquentenário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, que deu nome imperecível ao nosso País e glória perene a Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Quando os dois heróicos aviadores, depois de regressarem do valioso feito, foram ao Porto receber triunfais consagrações, também Aveiro se aprestou para lhes testemunhar o seu apreço. E, quanto na altura se deu, melhor consta do documento abaixo reproduzido, em redução fotozincográfica, de um exemplar do impresso, então largamente difundido, e que nos veio de mão amiga.

Ao Povo de Aveiro

O Ex.mo Governador Civil deste distrito dirigiu ao Ex.mo Contra-Almirante Gago Coutinho a 5 do corrente o seguinte telegrama:

EX.mo SNR. GAGO COUTINHO
Dig.mo Contra-Almirante

PORTO

Categorisados elementos civis e militares e cerca de tres mil pessoas desta cidade acorreram á passagem de V. Ex.as dia 3 e foi com desprazer que sentiram não terem ocasião de significar em dois breves minutos quanto lhes fez pulsar o coração de portuguêses o feito assinalado do raid. Ficou toda a população maguada por aquele lapso lastimável o que me cumpre levar ao conhecimento de V. Ex.as.

O Governador Civil,

JAIME VILARES.

E ontem recebi a resposta do insigne português nestes termos:

Lamentamos profundamente desgosto involuntariamente causamos motivo vimos almoçando com comissão portuense e não sabermos grande honra população Aveiro nos fazia. Caso V. Ex.a deseje podemos avisar comboio seguiremos quando regressarmos Lisboa.

SACADURA CABRAL.

O que de ordem do Ex.mo Chefe do Distrito me cabe participar aos habitantes desta cidade.
Aveiro, 7 de Dezembro de 1922.

O Secretario Geral,

JOAQUIM DE MELO FREITAS.

Tip. «Progresso» (a electricidade)—AVEIRO

PONTOS DE VISTA
AVEIRO e a CULTURA

E. MORAES SARMENTO

NÃO há dúvida de que Aveiro nem sempre tem sido receptiva às várias manifestações culturais que aqui se têm efectuado.

E é até muito significativa a não correspondência para com instituições ou colectividades que, especificamente, se empenharam ou empenham na promoção (!) e profusão da cultura entre nós.

Esta confirmação, à laia de prefácio a estes «pontos de vista», foi-nos sugerida pela local há dias aqui firmada de que Aveiro não tem sido «terreno propício ao desenvolvimento das actividades de ordem cultural e espiritual».

Corroborando a triste realidade, seria injusto, no entanto, não reconhecermos demasiada dureza na invectiva, pelas omissões de que se revestiu a corajosa revelação por não lhe serem impugnadas muitas alegações aleatórias de tão grave acusação. Elas constituem até, quanto a nós, a base fundamental das principais causas da razão de tão clamorosa lamentação, pela reconhecida ausência de coerência na intencionalidade no autêntico espírito de divulgação e fomento da cultura.

Ninguém contesta que hoje é flagrante o desejo de maior saber numa ânsia incontida para satisfação exigente de uma sociedade de consumo em que a especialização é garantia maior de melhores proventos.

Infelizmente, saber não pressupõe cultura e, muito menos, educação. E, no entanto, nenhum destes elementos se pode dissociar, sabido como estão tão intimamente ligados entre si para a consecução do homem culto.

Nesta concepção assentaram os fundamentos das finalidades de muitas instituições, no desejo de melhor servir e ajudar à promoção do homem.

Todavia, a prática e as realidades muito têm contrariado aqueles conceitos, não por via destes, mas por acção tantas vezes desvirtuada, interesseira e egoísta por parte de muitos daqueles que tiveram ou têm a responsabilidade de as fazer executar.

Se é certo que há muitas razões a bem justificar a afirmação atrás referida, menores não serão, por certo, aquelas que, por inoperância, se podem invocar como atenuantes, em parte, de tão acerba injúria.

E para a mais já não se recorrer, permita-se-nos servir, com o devido respeito, do citado exemplo do Círculo de Cultura Musical, ao qual se ficaram devendo as noites mais sublimes de todas as manifestações culturais musicais de Aveiro.

O erro maior, porventura, do Círculo de Cultura Musical — igual em decalque ao de muitas outras colectividades — ,foi de apenas se preocupar, e descansar, na angariação de um escol de sócios tirados à melhor sociedade (!), ao tempo tão enxameada de novos-ricos, recém-chegados do após-guerra.

E foi talvez por desgraça disso que tivemos, não raras vezes, en-

Continua na página três

PROMOÇÕES e CONTESTAÇÕES

DR. ALBERTO COSTA

AINDA permanecem, nas nossas retinas, sombras confusas das imagens desbobinadas nessa parada de beldades, ocorrida em meados de Março, no Estoril, para eleição de «Miss Portugal 72», suas congéneres e sobressalentes.

Desde o Minho a Timor, acorreram, como embaixatrizes da nossa mocidade plurirracial e pluricontinental, os exemplares mais perfeitos — ou tidos como tais — que se prestaram à exibição das suas formas e carnações graciosas.

Ora, como sempre foi dispar o juízo colectivo das gentes, não é de estranhar que, também aqui, se não tenha obtido o consenso global das opiniões.

Houve quem gostasse e houve quem desgostasse. E até aconteceu, no apogeu da Festa, surgir cá fora, rondando o pavilhão onde se desenrolava o certame, um movimento contestatário juvenil, silencioso e pacato, empunhando dísticos de protesto, contra o facto de se equiparar a mulher a mercadoria, exposta em escaparate ou tômbola de feira, sujeita à condição de coisa que se negoceia ou se rèclama.

Um dos dísticos dizia «NÃO À COISIFICAÇÃO DA MULHER».

Coisa — coisificar — coisificação: — *assim se enriquecem os vocabulários.*

E as «Misses», coruscantes, cuja mocidade e beleza dispensavam muito bem pestanas postiças

Continua na página três

CONSERVATÓRIO REGIONAL
I ANIVERSÁRIO da INAUGURAÇÃO da NOVA SEDE

GASPAR ALBINO

Para comemorar a data da inauguração das belissimas instalações do Conservatório Regional de Aveiro Calouste Gulbenkian, promoveu a sua Direcção uma série de três concertos, nos passados dias 8, 10 e 11 de Março.

1 — O primeiro concerto, cujo patrocínio se deve à prestimosa Fundação Gulbenkian, foi preenchido pelas correctas interpretações de Manuel Morais (alaúde) e de Catarina Latino (flauta doce) de obras de Pierre Attaingnant, Le Roy, Iselin, Jacob van Eyck, Dowland, Balland e de outros. Todo um período, mediando desde 1529 até 1657, se reviveu para deleite dos atentos (mas pouquíssimos !) assistentes.

Para além da sua função de intérpretes, tão bem desempenhada, os mesmos artistas, atendendo ao local e à assistência, exerceram didactismo largamente elogiável, na justa medida em que, até, fizeram uma explicação prévia dos instrumentos utilizados. A prova maior da sua capacidade de contacto residiu na total adesão das crianças ao espectáculo. Como consabido do respectivo mérito para o brilho da actuação, deverá dizer-se que os instrumentos estavam excepcionalmente bem afinados. Dessa qualidade também se deu necessária explicação.

Concerto para recordar aos poucos que a êle assistiram.

2 — Do segundo concerto, cujo patrocínio se deve ao Instituto de Cultura Alemã, diremos tão sòmente que José de Oliveira Lopes será um dos melhores cantores portugueses. A sua voz é de uma expressividade que não anula, bem pelo contrário, o contraste linear da latinidade.

Em oportuna lembrança (que não comemoração !) do épico Luís de Camões, ouvimos obras de Gluck Beethoven e Mozart.

Jean Berger, Ivo Cruz, C. Vasconcellos, Schubert, Schuman, R. Strauss, foram outros tantos, mas já não subordinados a tal objectivo, dos autores interpretados em várias de suas obras.

Gerhard Achneider, ao piano, serviu e excelentemente, à interpretação do barítono José de Oliveira Lopes.

3 — No terceiro concerto (11 de Março, às 18 horas) tivemos a presença de Manuel Teixeira Ferreira (violino), de Melina Re-

Continua na página quatro

O FOGO na INDÚSTRIA

NO decorrer das sessões de trabalho do XIX Congresso dos Bombeiros Portugueses, realizado em Aveiro, em Setembro de 1970, submetemos à apreciação dos congressistas participantes duas teses: uma subordinada ao tema «Contra o fogo — Campanha nas escolas primárias» acerca da qual foi extraída a conclusão de que «impõe-se a promoção de uma campanha contra o fogo («doméstico» e nas matas) ao nível das escolas primárias (e ciclo preparatório) de todo o território nacional; a outra intitulada «Como extrair o maior rendimento do binómio Bombeiros-Empresas Industriais», cujo resumo e cujas conclusões,

Continua na página quatro

DR. LÚCIO LEMOS

Tribunal Judicial da Comarca de Cantanhede

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na acção com processo sumário pendente na 1.ª Secção da Secretaria, movida pela autora «Moreira & Letra», Sociedade comercial em nome colectivo com sede em Cantanhede, contra António Cruz, comerciante, e mulher, Maria Cruz, doméstica, residentes em parte incerta de França, com último domicílio conhecido em Cruzeiro — Gafanha da Nazaré, comarca de Aveiro, onde ele explorou um estabelecimento de venda de motorizadas e acessórios, com oficina, *são* estes réus citados para *contestarem*, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da 2.ª e última publicação do anúncio.

A Autora, que é armazenista de motorizadas e acessórios, vendeu ao Réu, a crédito, para revenda, várias motorizadas e acessórios, do que resultou o saldo, há muito vencido, de 20 864$30, dívida esta contraída em proveito comum do casal dos Réus, pelo que pede que estes sejam condenados a pagarem-lhe, com os juros legais desde 2 de Janeiro de 1971 e custas.

Cantanhede, 20 de Março de 1972

O Juiz de Direito,
Augusto Pires Fernandes Vieira

O Escrivão de Direito,
Ernesto Lourenço

CARTÓRIO NOTARIAL DE ILHAVO

Certifico narrativamente, para efeito de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas B-70, de folhas 3 a 4 v., se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 23 do corrente mês, na qual António Nunes de Paiva e esposa Maria Alegria Ferreira Borralho, nascidos e residentes no lugar e freguesia de Aradas do concelho de Aveiro, se declararam, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do seguinte prédio:

Uma terra de cultura de sequeiro, sita na Agra de Cima, dita freguesia de Aradas, que confronta do norte com Maria Augusta de Almeida Barreto, do sul com António de Almeida Pericão e outro, do nascente com estrada e do poente com António de Almeida Pericão, inscrita na respectiva matriz rústica, em nome do justificante, sob o artigo n.º 152, com o valor matricial de 11.480$00, e não descrita na Conservatória do Registo Predial de Aveiro.

Mais certifico que os justificantes alegam na referida escritura terem adquirido o dito prédio por herança da mãe da outorgante mulher, Maria Ferreira Borralho, o qual lhes foi adjudicado no inventário que correu seus termos no Tribunal Judicial da comarca de Aveiro em 1.905.

Que por mais buscas e outras diligências que fizessem para encontrar o referido inventário, não lhes foi possível descobrir o seu paradeiro.

Está conforme ao original e declara-se que na escritura nada há que altere, modifique, amplie ou condicione o que aqui se certificou.

Cartório Notarial de Ilhavo, 25 de Março de 1972.

O Ajudante do Cartório,
Egídio Esteves Rebelo

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que, pela 1.ª Secção do 2.º Juízo desta comarca, e nos autos de execução ordinária que o exequente Basílio Ramos Balseiro, casado, industrial, residente em S. Bernardo--Aveiro, move ao executado António Neto Mostardinho, solteiro, agricultor, residente em S. Bernardo, correm éditos de 20 dias, que começam a ser contados após a 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado para, no prazo de dez dias findo o dos éditos, virem à mencionada execução reclamar, querendo, o pagamento dos seus créditos, pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real.

Aveiro, 22 de Março de 1972.

O Juiz de Direito,
Abílio Valverde

O Escrivão de Direito,
Luís Ferreira

Técnico de Contas

PRECISA-SE

— para empresa de movimento, do grupo A, devidamente inscrito na D.G.C.I.

Admissão imediata.

Resposta à Redacção, ao n.º 23.

Concursos para Admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 1 a 20 de Abril de 1972 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110 AVEIRO	Posto Clínico de Arouca	- Clínica Médica
	Posto Clínico de Aveiro	- Estomatologia - Oftalmologia
	Posto Clínico de César	- Clínica Médica
	Posto Clínico da Murtosa	- Clínica Médica
	Posto Clínico de Ovar	- Estomatologia
	Posto Clínico de S. João da Madeira	- Neurologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Coimbra Av. Fernão de Magalhães, 620 COIMBRA	Área da cidade de Coimbra	- Neuropsiquiatria Infantil
	Posto Clínico de Buarcos	- Estomatologia - Clínica Médica - Pediatria
	Posto Clínico da Figueira da Foz	- Clínica Médica
Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia União Fabril e Empresas Associadas Av. Dr. Francisco Manuel de Melo, 3 LISBOA	Posto Clínico do Barreiro	- Reumatologia - Urologia
	Posto Clínico de Lisboa	- Clínica Médica
	Posto Clínico da Margueira	- Análises Clínicas - Cardiologia - Cirurgia Geral - Clínica Médica - Endocrinologia - Estomatologia - Gastroenterologia - Oftalmologia - Pediatria - Psiquiatria - Radiologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique, 34-1.º FARO	Posto Clínico de Faro	- Ginecologia - Obstetrícia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico--Sociais do Distrito de Lisboa. Avenida dos Estados Unidos da América, 39 LISBOA	Posto Clínico da Amadora	- Clínica Médica - Clínica Geral
	Posto Clínico de Alverca	- Clínica Médica
	Posto Clínico de Encarnação	- Clínica Médica
	Posto Clínico do Estoril	- Cirurgia Geral
	Posto Clínico de Odivelas	- Clínica Geral
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico--Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Area da cidade do Porto	- Urologia
	Posto Clínico da Lousada	- Clínica Médica
	Posto Clínico de Valbom	- Cirurgia Geral
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Largo do Milagre, 51 SANTARÉM	Posto Clínico de Alcanena	- Clínica Médica
	Posto Clínico do Entroncamento	- Pediatria
	Posto Clínico de Santarém	- Ortopedia
	Posto Clínico de Tomar	- Ortopedia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu. Avenida 28 de Maio, 31 VISEU	Delegação Clínica de Gonjoim	- Clínica Médica
	Delegação Clínica de Oliveira do Douro	- Clínica Médica

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 20 de Abril de 1972 na sede da Federação, na Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º Esq.º- Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

Lisboa, 31 de Março de 1972.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

Promoções e Contestações

Continuação da primeira página

e olhos sombreados, percorriam o tablado, numeradas (como faianças em leilão) exibindo a plástica.

Organizaram-se claques e, entre a multidão que se acotovelava, os que tinham pago 800$00 pelo regabofe foram aquecendo e, segundo parece, até se organizaram apostas, como nas corridas.

Entretanto, cá fora, continuava o movimento ordeiro de protesto, exibindo slogans deste género: «QUEREMOS RESPEITO PELA DIGNIDADE DA MULHER».

Tarde piaste! Pois não é a isto que se chama promoção? Foi a Mulher que exigiu direitos iguais aos do seu másculo comparsa, que lhe disputou os lugares nas fábricas, nos escritórios, nas profissões liberais, nos desportos, nas chancelarias, nos parlamentos, no paraquedismo; que bebe, joga, fuma e fala em calão.

Nesta promoção, tem subido sempre de posto, ao ponto de irmos ter, nos Estados Unidos da América, a primeiro mulher Almirante. E o caso é que tem alcançado todas as patentes, mesmo sem passar por tarata. Mas já há quem proponha, para as promovidas filhas de Eva, o serviço militar obrigatório, com o lógico fundamento de que a direitos iguais correspondem iguais obrigações. E, em Israel, já constituem exércitos.

O «unisex» começou pelas cabeleiras e pela uniformização do traje; e, tendo em vista o sucesso crescente das transplantações, não sabemos onde se chegará...

QUEREMOS RESPEITO PELA DIGNIDADE DA MULHER — dizia um dos cartazes do movimento contestatário do Estoril, enquanto, para lá da ribalta — segundo revelou a inconfidência do repórter duma conhecida revista de Modas — a Concorrente n.º 20, com Miss Jovem e Miss Informação (sobressalentes) se engalfinhavam, todas três.

«QUEREMOS RESPEITO PELA DIGNIDADE DA MULHER»! Mas o pior é que as coisas mudaram, de tal forma e tão repentinamente, que ainda há 5 ou 6 anos era multada a menina que tivesse o descaramento de se exibir em biquíni, nas praias, o que hoje é corrente e já nem sequer desperta olhos lésbios nem salivações concupiscentes.

A Mulher promoveu-se, é certo, mas perdeu dignidade, pois a que, ainda há pouco, era considerada pela opinião pública uma «mulher perdida» é hoje tida como «rapariga moderna» pela própria família, que se ufana com isso.

Já nenhum homem se curva, para apanhar o lenço que a dama deixou cair, nem tão-pouco se levanta, para lhe oferecer o lugar, no autocarro ou no «metro».

Vestem de igual, empregam os mesmos termos chulos, têm os mesmos vícios e as mesmas liberdades. A diferença que separa, uns dos outros... não é de palmo.

Pergunta-se agora: — Mas ainda há excepções?

— Evidentemente que sim! Houve-as em todos os tempos. Já naquela época remota em que se dizia que a Mulher devia sair apenas três vezes de casa — para se baptizar, para casar e para se sepultar — a nossa Antónia Rodrigues, levada pelo espírito de aventura que dominou a era de 500, deixou Aveiro, andou embarcada, disfarçada como grumete de bordo, e assim chegou a remotas paragens. Mas sempre sem perder a dignidade!

Ora hoje, graças a Deus, também há quem a mantenha, e talvez de aí tenha provindo o movimento de contestação do Estoril. Oxalá se renove e não surja, muito embora, da parte de respeitáveis jovens, raquíticas ou pandorcas, de dentes acavalados ou apodrecidos, de peitos retraídos ou cara sardenta, com óculos de aros de arame, tíbias descarnadas e sapatos de salto raso. Assim foram as primogénitas dos revolucionários movimentos sufragistas do princípio do Século.

Agora não! Queremo-las sãs e escorreitas, anatómica e moralmente perfeitas, pugnando pela dignificação do Sexo, mesmo que seja à custa da sua parcial despromoção, uma vez conscientes de que andam a ser manobradas como coisas comercializáveis e que, para além dos bastidores, se entrechocam interesses, pessoais e colectivos, desde a Indústria Turística à Alta Costura e à Cosmética, pois já deve estar a fabricar-se, a estas horas, um sabonete «Miss Portugal» e um creme «Iris», para conservar a frescura da pele. E talvez, também, um novo produto, ainda mais esverdeado ou verde-azulado, para colorir as pálpebras, de forma a dar a impressão de certos livores cadavéricos, como os que se observam nas morgues. Muito chique!...

Oito dias depois, outro certame internacional — o da Canção — a que também concorremos. O nosso representante bem se esforçou por nos convencer a irmos todos, novos e velhos, não sei bem aonde; mas a maioria acabou por não ir.

Foi ele; e a sua vera efígie, hiper-hirsuta, apareceu por toda a parte.

Vi-a, pela primeira vez, quando alguém me chamou a atenção para um jornal e disse: — Olha lá se este é ou não é o Negus da Etiópia. — Sei lá se é, respondi eu.

Mas não desmanchou muito o conjunto, em Edimburgo, não senhor; e até emparceirava com o da Finlândia, quanto às barbas; e, em melenas, não chegava aos calcanhares do representante do Mónaco, que parecia o irmão mais novo dos Três Mosqueteiros.

Esperamos, convictos, não pela apregoada chuva de picaretas, mas sim pelo dealbar de uma aurora de bom senso e de bom gosto, que bem precisa é — salvo melhor opinião em contrário.

ALBERTO COSTA

Aveiro e a Cultura

Continuação da primeira página

sejo de topar muitos deles a levarem de um sono o concerto inteiro...

A educação musical — não a cultura musical, que essa é exigente e requer qualidades e atributos próprios — não se obtém apenas a troco de um cartão de acesso aos salões da cultura.

Tem de adquirir-se por via gradual de ensinamentos, ministrados com regular persistência, desde cedo, nos bancos da escola e secundados, quanto possível — muito melhor —, por influente e preocupante ambiente familiar.

Por se olvidar que a grande maioria dos associados não possuía os rudimentos dessa educação (musical, entenda-se) é que a delegação, em Aveiro, do Círculo de Cultura Musical não pôde continuar-se para além de nove incompletas temporadas.

E isto só porque uma minoria auferia do indispensável conhecimento necessário à apreciação de uma grande percentagem dos seus magníficos concertos.

Sem essa educação imprescindível e sem o necessário fomento cultural que se não promoveu nem procurou fazer, com vista à criação de novos auditórios, era inevitável a sua extinção.

E o que se fez posteriormente, quando já em plena agonia, por mal acautelado, foi o golpe mortal que atirou o C. C. M. definitivamente para a história das instituições culturais que viram já a luz do dia nesta Cidade.

Mas se o mérito maior se lhe ficou devendo, de por seu intermédio a Cidade ter ensejo de ouvir e ver o que de melhor no mundo havia na execução da arte musical, por ele também, dolorosamente o recordamos, presenciou o maior fiasco a que Aveiro porventura jamais terá assistido.

Não por regozijo o referimos, mas para melhor ilustração do que vimos sublinhando, na tentativa de salvaguardar daquela aleivosia as gentes aveirenses.

Na louvável iniciativa de se tentar fazer ressurgir as actividades do C. C. M., então suspensas, os seus promotores após cuidada e minuciosa escolha de um sugestivo e atraente programa, e na melhor das intenções, dirigiram convite a muitos «ex-circulistas» para um concerto que, como os demais, teve lugar no Teatro Aveirense, na memorável noite de 17/1/54.

A primeira parte desse concerto foi, depois de escutada a abertura de «Coriolano», totalmente preenchida com a audição da célebre Sexta Sinfonia (Pastoral), de Beethoven, opus 68.

Aqui residiu o insólito do tristíssimo acontecimento, que se conta em poucas palavras. Após a execução, à conta de uma das melhores — senão a melhor na altura — orquestras do mundo (Orquestra Sinfónica de Bamberg), o seu maestro, também ao tempo considerado um dos melhores do mundo (Joseph Keilberth), sentiu-se impedido de abandonar o estrado, porque a «selecta assistência» não se havia apercebido do final da execução da obra. Daí, talvez, o considerar desprestigiantes as poucas, indecisas e disseminadas palmas, que ainda ecoaram na sala por breves segundos, para premiar a excelência do virtuosismo daquela quase centena de consagrados músicos.

Em face de tão grande indiferença, mandou, muito discretamente, o primeiro violinista virar a capa à partitura, na esperança de que à natural interpretação desse gesto rompessem os aplausos devidos à magnífica audição.

Mas nem mesmo assim a «entendida» assistência se resolvera a sair do seu obstinado e bem significativo silêncio. Em face disso, ordenou que se tocasse, de seguida, Idílio, da ópera «Siegfried», de Wagner, primeiro número da segunda parte do concerto que, ao contrário daquela Sinfonia, os seus últimos acordes são ouvidos com forte intensidade de som...

Resultado: estrondosa ovação se elevou na sala do Aveirense em consequência da ignorante convicção de se estar a premiar a linda Sinfonia, aqui (cá) escutada em primeira audição!

O esclarecimento que, após o intervalo, pessoa altamente cotada no meio musical nacional veio prestar, por necessário, mais ainda denegriu a já péssima impressão então colhida por aquela plêiade de exímios executantes.

A «digna» assistência, dentro muito do seu habitual, nem sequer se havia dado ao incómodo de ler as bem elaboradas e elucidativas notas explicativas inseridas no programa!

E daí o seu classificativo engano. A tal Sinfonia — mundialmente consagrada —, composta em quatro andamentos, é, normalmente, executada sem interrupção na passagem do terceiro para o quarto andamento e... acaba em pianíssimo!

E. MORAES SARMENTO

Aconteceu...

Continuação da primeira página

gunta amiga antes do abraço apertado com que me honrou o Coronel Narcélio Matias, que segura as rédeas do comando do Regimento de Infantaria 10.

— «DAQUI O CAMILO CHRISTO...», *ouvi ao telefone, que já tocava mesmo antes de eu entrar em casa, enquanto tirava do carro a minha complicada bagagem, com descarado excesso de peso, o que me ia valendo ter de desembolsar avultada soma de angolares, se um meu amigo não tivesse fechado os olhos à pesagem no aeroporto de Luanda.*

— «SEGUNDA-FEIRA LÁ O ESPERO NA SENHORA DA ALUMIEIRA PARA A CHANFANA DO COSTUME...», *eis as palavras que o Luiz Coelho, electricista-chefe dos Serviços Municipalizados de Aveiro, misturou com um abraço de que ambos já tínhamos saudades.*

— «ESTÁ ÓPTIMO!», *assim me saudou o Capitão Bettencourt, segurando o saco de plástico com lagostas que eu lhe trouxera do Cacuaco, pequenina praia dos arredores de Luanda, onde o marisco é a pataco.*

— «ENTÃO COMO VAI ESSA SAÚDE?», *era o Dr. José Maria Raposo, com o «pé no estribo» também para vestir uma farda igual à minha, «Folar da Páscoa» que não acha saboroso...*

— «OLHA O NOSSO CAPITÃO!», *(este até me mudou o posto!, o que não tem importância alguma...), exclamou o Arménio, canalizador, vizinho de meu sogro, ao encontrar-me no Bairro do Liceu.*

— «TEMOS QUE REUNIR A TROPA...», *prometeu-me o Dr. Eduardo de Vaz Craveiro, que até interrompeu a sua consulta — sempre numerosa, acrescente-se — para receber o meu abraço telefónico.*

Tudo isto, e muito mais, vem sendo este correr desenfreado e louco do tempo em que estou aqui. Aliás, esperava-o já, pois sempre me apeteceu rodear-me de amizades sãs, daquelas que compartilham das alegrias ou das tristezas, das derrotas ou das vitórias, dos êxitos ou dos fracassos, afinal de um dia-a-dia sempre incerto, imprevisto, diferente.

Aqui estou sem camisola de lã, sem luvas, sem sobretudo, sem agazalhos, sem botija na cama... Aqui estou, afinal, sem frio... E de África vim! Sinto calor até... O calor da amizade de tantos que me estimam, que me querem, que me lembram.

«Aconteceu»! Tinha de acontecer...

ARAÚJO E SÁ

O Fogo na Indústria

Continuação da primeira página

«aprovadas por unanimidade e ratificadas por aclamação», foram redigidas nos seguintes termos:

«Sendo sabido que:

— segundo as estatísticas, os estabelecimentos industriais pagam por ano largas somas aos fogos, originados por imprudências, faltas de cuidado, e um pouco também por malvadez;

— no nosso país são muitas as indústrias (cortiça, têxteis, plásticos, sisal, madeira, calçado, lanifícios, etc.) que já têm sido vítimas dos fogos correndo outros sérios riscos de serem também atingidas por tão implacável inimigo;

— os bombeiros que habitualmente acorrem às chamadas deparam muitas vezes com dificuldades, principalmente no reconhecimento e no estabelecimento dos meios de acção, dificuldades que, a serem removidas, facilitarão grandemente o seu trabalho com enorme benefício directo para todos e, particularmente, para a indústria nacional

torna-se indispensável que entre os dirigentes das fábricas e das corporações dos bombeiros das redondezas exista uma estreita ligação que conduza ao estabelecimento de planos de acção que permitam, em caso de sinistro grave que exija a comparência dos bombeiros dessas corporações, uma actuação rápida e eficiente, que só é possível se esses planos tiverem sido prèviamente discutidos e analisados.

Tais planos devem incluir medidas essencialmente preventivas que os próprios bombeiros, melhor do que ninguém, poderão estudar e indicar com segurança aos dirigentes das empresas, pugnando sempre, e ao mesmo tempo, pelo rigoroso cumprimento das normas estabelecidas a bem dessas empresas».

Posteriormente à data do Congresso de Aveiro, realizámos uma palestra no quartel-sede dos «Bombeiros Velhos», correspondendo assim à gentileza do convite que, então, nos foi endereçado pelo Presidente da Direcção da prestigiosa Corporação citadina, nessa altura a comemorar o seu 89.º aniversário.

Essa palestra, intitulada «Prevenção e luta contra o fogo nos estabelecimentos industriais», foi ilustrada com alguns expressivos números que havíamos extraído das notícias dos jornais diários, números relacionados com os fogos manifestados em unidades industriais portuguesas, durante 1970.

Dissemos então, a propósito:

«Em *20* dos *33* fogos referidos no apanhado que elaborámos com base nos recortes dos jornais, os prejuízos ascenderam a cerca de setenta e dois mil e quinhentos contos.

Quanto aos restantes 13 fogos, não tivemos possibilidades de determinar concretamente o montante dos prejuízos. Podemos, no entanto, deduzir que, de um modo geral, os prejuízos foram bastante elevados.

Reportando-nos ainda aos mesmos elementos, verificou-se que no Distrito de Aveiro os prejuízos causados pelo fogo em unidades industriais, durante 1970, ultrapassaram, no total, a importância de oito mil e quinhentos contos.

É muito? É pouco? Não sabemos. Só sabemos que, pagos totalmente ou parcialmente pelas Companhias de Seguros (e há muitas coisas que as apólices não prevêm e (ou) o seguro não paga — mercadorias que não se entregam, mercados que se perdem, pessoal que deixa de trabalhar, maquinaria destruída e que necessita de ser substituída, etc.), esses prejuízos não deixam, na realidade, de ser prejuízos. Alguém tem de os suportar».

O que acabamos de reproduzir fez parte — repita-se — das várias considerações que, no decorrer da palestra proferida nos «Bombeiros Velhos», tecemos àcerca da prevenção e luta contra o fogo nos estabelecimentos industriais.

Entusiastas, como somos, por tudo quanto se relaciona com socorrismo e, muito particularmente, por dever de ofício e devoção, pela actividade dos serviços de protecção contra incêndios, temos mantido o vício de coleccionar os recortes dos jornais que nos falam de fogos na indústria.

Assim fizemos relativamente aos fogos manifestados em 1971 em unidades industriais portuguesas, tendo chegado às seguintes expressivas (e alarmantes) conclusões:

1 — Em *36* dos *44* fogos referidos no trabalho que organizámos, os prejuízos provocados pelo fogo em empresas industriais portuguesas ascenderam a cerca de duzentos e noventa e dois mil e quatrocentos contos (292 400 contos).

Confrontando este valor com o valor correspondente, relativo a *1970* (72 650 contos), verifica-se que em *1971* houve um agravamento de prejuízos cifrado em duzentos e dezanove mil, setecentos e cinquenta contos (219 750), ou seja, mais de *300%* de aumento!!!.

Quanto aos restantes 8 fogos, não nos foi possível avaliar o montante dos prejuízos causados. No entanto, segundo as notícias donde extraímos os elementos que nos possibilitaram estas conclusões, esses prejuízos foram, de um modo geral, elevados;

2 — Cingindo-nos ao caso particular dos fogos manifestados em unidades industriais do distrito de Aveiro, chegámos à conclusão de que os fogos manifestados em fábricas de papel e cartão, de abrasivos, de derivados da cortiça, de móveis, de resinas, provocaram prejuízos cujo montante atinge, no total, *46 100* contos, valor este que é superior em *37 600* contos (*435%*) ao que resultou dos prejuízos causados pelo fogo em 1970 (8 500 contos).

Dispensamo-nos de comentar os números que acabamos de apresentar, números que, se estão sujeitos, naturalmente, a rectificações, nem por isso deixam de traduzir uma situação gravíssima que exige muita meditação e que urge combater pois que, para além das vidas que os fogos põem em perigo, estão também em jogo valores bastante consideráveis da economia nacional, que é dever de todos defender por «todas as formas e feitios».

LÚCIO LEMOS

Conservatório Regional

Continuação da primeira página

belo (piano) e de Manuela Machado (declamação).

Neste concerto, mais uma vez, tivemos a oportunidade de verificar a salutar adesão dos alunos-crianças do nosso Conservatório. Trabalho silencioso esse, sem dramatismos desnecessários, sem publicidade doentia, que permite um público calado (quando, por força da sua idade, o contrário seria mais do que de esperar), excepcionalmente atento porque interessado, o (tal trabalho !) que se deve ao nosso Conservatório Regional de Aveiro. Não será isto didáctica autêntica derivada de trabalho de grupo e não do esforço só assente em mérito pessoal ? Não será isto diferente maneira de fazer cultura (aquilo que Cícero entendia por que faz dum homem o homem !) ? Mas diferente porquê ? Tão só porque cultura, para nós, e bem de acordo com as raízes, não passa da «acção (imediata, acção-actuante) que» — cada um de nós, homem, — «realiza quer sobre o seu meio quer sobre si mesmo uma transformação para melhor.»

E isto porque o Conservatório — se bem que, econòmicamente, o não possa fazer, como seria desejável !, em toda a sua extensão — é um órgão vivo da nossa comunidade formando seres jovens que, amanhã, serão público, em manifestações prolegoménicas de outras manifestações que, só, de autenticidade, viverão.

Este terceiro concerto disso nos deu a certeza. Cinquenta por cento (a estatística — somatório de mentiras que diz alguma verdade (sic : Teixeira Ribeiro) — fala !) dos auditores seria de menores de 15 anos ! Tão-só ! Diremos, complementarmente, que Manuel Teixeira Ferreira, o violinista de Aveiro que, fora de sua terra, consegue ser o que, aqui, jamais teria possibilidade de ser (e é, já hoje, ele, que até só era empregado da Livraria Vieira da Cunha, professor de iniciação ao violino dos Cursos de Música da Fundação Calouste Gulbenkian !), teve uma interpretação que denota o seu progresso há tanto tempo controlado. A afinação, a qualidade de som, a calma com que interpretou especialmente a sonata de Händel foram, realmente, dignas de nota muito alta.

A pianista Melina Rebelo, que já foi professora do nosso Conservatório Regional, mais uma vez deu prova última da sua capacidade : óptima colaboradora e excelente solista. E isto apesar de o piano não corresponder às exigências das obras interpretadas. Certo é que a artista foi capaz de corresponder a essas exigências (malgré tout), principalmente quando teve de, em parelha maravilhosa, acompanhar as poesias que Afonso Lopes Vieira urdiu para as «Cenas Infantis» de Schuman e que tão bem declamadas foram por Manuela Machado. Desta, o público de Aveiro, se quiser !, terá possibilidade de conhecer do mérito em programa integrado nas festas comemorativas da vinda para a nossa terra de Santa Joana Princesa. Diremos só que vale a pena (ou o prazer !) de a ouvir (e ver).

Ao Conservatório, que, como tal, ardentemente desejamos que continue, limitamo-nos a agradecer à saudável maneira das Beiras : Bem haja !

E como nota final : que do eforço dum homem que de Aveiro não é mas que à terra pertence de vontade — o senhor Dr. Orlando de Oliveira — se não faça o que de somenos é de fazer. A manutenção do Conservatório Regional de Aveiro, como tal, é dever primeiro da cidade. A menos que ela (a cidade) só se queira distinguir por outros índices de aparente evolução que em matéria económica se fundamentam.

Mas isso já por si e em si é sinal de retrocesso. Do que há que acautelar.

GASPAR ALBINO

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	CENTRAL
Domingo . . .	MODERNA
2.ª-feira	ALA
3.ª-feira	AVEIRENSE
4.ª-feira . . .	AVENIDA
5.ª-feira . . .	SAÚDE
5.ª-feira . . .	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

DR. VALE GUIMARÃES

Em testemunho de apreço e reconhecimento pelas deferentes atenções e valiosos serviços dispensados à Filatelia nacional, foi recentemente eleito sócio honorário da Associação Portuguesa de Filatelia Temática o Administrador do CTT Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães, ilustre Chefe do Distrito de Aveiro.

Justíssima homenagem, com que muito nos congratulamos.

PLANEAMENTO DA CONTABILIDADE A NÍVEL NACIONAL

O Gabinete de Estudos de Economia, Finanças e Organização (GEFO), do Porto — no intuito de identificar os quadros das empresas com o anteprojecto referente à primeira fase de trabalhos em que os organismos oficiais têm vindo a trabalhar — vai realizar, no Grémio do Comércio de Aveiro, de 18 a 20 do corrente (das 21 às 24 horas), um seminário sobre o planeamento da contabilidade a nível nacional.

Serão orientadores o sr. Dr. Henrique Veiga, Assistente da Faculdade de Economia do Porto, e o Director da GEFO.

Quaisquer informações sobre esta iniciativa poderão ser obtidas no referido Grémio (telefone 22259) ou por intermédio do sr. Carlos da Rocha Leitão (telef. 23308).

ZÉ PENICHEIRO EXPÕE EM OVAR

Na noite da última quarta-feira, 5, no Museu de Ovar, foi inaugurada uma exposição de pintura e desenho do consagrado artista e apreciado colaborador deste jornal Zé Penicheiro.

O certame estará patente ao público até ao próximo dia 16.

PORTO DE RECREIO DO CARREGAL

A Direcção-Geral dos Portos abriu concurso para a empreitada de execução das obras de construção do «Porto de Recreio do Carregal» (1.ª fase), em Ovar, cujo projecto foi elaborado pela Junta Autónoma do Porto de Aveiro, como projecto-piloto de futuros empreendimentos congéneres, a realizar em outros adequados locais da Ria.

O concurso para aquela importante obra efectuar-se-à naquela Direcção-Geral, em 4 do próximo mês de Maio, com a base de licitação de 5 300 contos.

CONFERÊNCIAS NA CASA DO POVO DE ESGUEIRA

No salão de festas da Casa do Povo de Esgueira, realizar-se-ão, nos próximos dias 23 e 24 do corrente, duas conferências de cultura religiosa, que terão como temas a Fé e a Juventude.

JUNTA REGIONAL DO C. N. E.

Com carácter definitivo, encontram-se já instalados, à Travessa dos Ourives, em dependência do edifício diocesano onde funcionam os Serviços de Formação Humana e Apostólica, os Serviços da Junta Regional do Corpo Nacional de Escutas e do Comissariado Regional dos Guias de Portugal, que ocupam duas salas do rés-do-chão do prédio.

A fim de se inteirar das actividades que a referida Junta vem exercendo, o venerando Prelado da Diocese, sr. D. Manuel de Almeida Trindade, assistiu à primeira reunião ali realizada.

ACTO DE HONRADEZ

O sr. Luís Nunes Ribeiro, funcionário, nesta cidade, do Banco Português do Atlântico, tendo recebido 45 contos a mais numa transacção comercial, apressou-se a restituir o que lhe não pertencia, logo que deu pelo engano.

Atitude de registar, tanto mais que, dado o circunstancialismo da ocorrência, poderia impunemente locupletar-se com a vultosa quantia.

«CONVÉS»

Já tivemos o ensejo de referir nestas colunas que, com a feliz denominação de «Convés», iria abrir, no típico Cais dos Botirões, em Aveiro, uma galeria de arte que se abona, entre outros, com o creditado nome do artista Zé Penicheiro.

Muito nos apraz anunciar agora que a primeira exposição colectiva de pintura, desenho escultura e cerâmica, da firma de «7 artistas Autodidatas», abrirá hoje, às 22 horas.

EXIBIÇÃO DE FILMES CANADIANOS

Promovida pelo Cine-Clube de Aveiro, em colaboração com o Conservatório Regional de Aveiro «Calouste Gulbenkian» e a Secção de Fotografia e Cinema de Amadores do Clube dos Galitos, realiza-se, na próxima segunda-feira, 10, pelas 21.30 horas, uma exibição de filmes canadianos: 2 filmes abstractos, da autoria de NORMAN MAC LAREN e um filme sobre STRAWINSKY.

Continuações

Basquetebol

Baptista e Raul Gonçalves, alinhando assim as equipas·

Esgueira — Paulo, Gomes (2), Américo (18), Beto (20), Lopes (9), Manuel Pereira, Salviano (1), Santos e Regala (2).

Sangalhos — Domingos (9), Eugénio (22), Vitor (17), Hilário (21), Tó-Mané (14), Martinho, Teixeira, Mário (2), Úrbano e Simões.

CAMPEONATO DE AVEIRO DE INICIADOS

Jogo-repetição (2.ª jornada):

ESGUEIRA — BEIRA-MAR . . 18-25

Resultados da 6.ª jornada:

ESGUEIRA — GALITOS . . . 33-19
SANGALHOS — ILLIABUM . . 25-19
MEALHADA — BEIRA-MAR . . 22-33

Mapa de pontos:

Galitos	6	5	1	240-168	11
Illiabum	6	4	2	194-165	10
Esgueira	6	3	3	187-179	9
Beira-Mar	6	3	3	156-168	9
Sangalhos	6	2	4	137-173	8
Mealhada	6	1	5	148-209	7

Próxima jornada:

BEIRA-MAR — ESGUEIRA
GALITOS — SANGALHOS
ILLIABUM — MEALHADA

RECORTES

milhares de crianças — a sociedade de amanhã —, impõe-se que, por todos os meios possíveis e ao seu alcance, as autoridades competentes e as próprias famílias colaborem nesta salutar campanha, que a mais ou menos longo prazo, infalìvelmente, produzirá os seus frutos.

(Palavras de Aníbal Pacheco, publicadas em «O Comércio do Porto» de 30 de Março de 1972).

Postal de Luanda

mo, levou-nos, da noite para o dia, a contactar com o homem do C. A. C. O. e do Sporting. Afinal, o *Faísca*, que não está bom da cabeça, não senhor, só deseja que o deixem em paz. Vive miserável, mais por desleixo e abandono próprios, do que por necessidade material. Expliquemo-nos: o *Faísca*, um tanto traumatizado pela perda dos seus familiares nos acontecimentos de 1961, passou a beber demasiado, tornando-se alcoólico. perguntámos-lhe se queria ir para Lisboa, ele, como resposta, proferiu um palavrão...

Pedimos-lhe para voltar ao outro dia à Emissora e negou-se, marcando por sua vez um encontro na «Portugália», onde pára normalmente... Elucidamos que a «Portugália» é uma cervejaria...

Por aquilo que o comunicado federativo nos fazia crer, preparávamo-nos para o pior. Afinal, o *Faísca* não está bem, mas não será um asilo, com todo o ar de gaiola doirada, que resolverá o problema do vencedor de duas *Voltas a Portugal*, dos tempos da minha juventude. Casos como o do *Faísca* há milhentos por toda a parte e em todas as latitudes, e não será com subscrições e casas de regeneração que se resolvem, A Federação já o sabe, porque tivemos o cuidado de lho dizer; e não cremos que as sugestões preconizadas nos comunicados e vindos a lume possam resolver a situação do *Faísca*, vivendo feliz à sua maneira, como nómada, galgando quilómetros, estrada fora, ora num camião que o reconhece e lhe dá boleia, ora a pé no meio da multidão que o lamenta. O pobre do *Faísca* continua a correr para uma meta que poderá surgir dum momento para o outro e que será, para ele, o último triunfo da sua vida...

JOAQUIM DUARTE

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 32 DO «TOTOBOLA»

16 de Abril de 1972

1 — Barreirense — Boavista 1
2 — Leixões — Benfica 2
3 — Académica — Tirsense 1
4 — Guimarães — Beira-Mar 1
5 — Sporting — Setúbal X
6 — Farense — C. U. F. X
7 — Porto — Belenenses 1
8 — Bragança — Vianense 2
9 — Valecambrense — Oliveirense . . . 2
10 — Guarda — Feirense X
11 — Bombarral — Portalegrense . . . 1
12 — Paio Pires — Almada 2
13 — Beja — Estoril 1

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que, no dia 26 de Abril próximo, pelas 14 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de execução de sentença que o exequente Manuel Ferreira dos Santos, casado, industrial, residente em Viso-Esgueira, move aos executados Carlos Cândido Vieira e mulher, Palmira de Almeida Ministro, ele empreiteiro e ela doméstica, residentes em Sarrazola-Cia, há-de proceder à arrematação em hasta pública do direito a seguir indicado, penhorado aos executados e que será entregue a quem maior lanço oferecer acima do valor de 17 500$00 por que será posto pela 1.ª vez em praça.

Direito a arrematar

O usufruto vitalício de estabelecimento comercial de mercearias, vinhos, aguardentes e outras bebidas e bem assim miudezas, instalado no rés do chão do prédio urbano composto de casa e logradouro, na Rua Dr. Marques da Costa, no lugar de Sarrazola, freguesia de Cacia, que gira em nome da executada mulher.

Aveiro, 24 de Março de 1972

O Juiz de Direito,
Abílio Valverde

O Escriturário,
Pedro Soares

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 29 de Março de 1972, inserta de fls. 98 a 100, do livro de notas para Escrituras Diversas A-N.º 446, deste Cartório, João Dias Fernandes e mulher, Florinda de Jesus, casados segundo o regime da comunhão geral de bens, residentes na Quinta do Gato, freguesia de Esgueira, deste concelho, declararem-se donos com exclusão de outrém, do seguinte prédio:

Prédio urbano, sito na Quinta do Gato, freguesia de Esgueira, deste concelho de Aveiro, a confrontar do norte com José Gonçalves Figueira (anteriormente Maria dos Anjos), do sul com Manuel Marques Banca (anteriormente com António Vieira), do nascente com caminho de servidão e do poente com caminho público, inscrito na matriz respectiva sob o artigo setecentos e cinquenta e três.

Que o referido prédio foi comprado pelo outorgante marido, para o seu casal, por escritura de 6 de Março de 1961, lavrada de folhas 16 v.º a 17 v.º do livro de notas para Escrituras Diversas n.º 373-A, do Primeiro Cartório, desta Secretaria, a Maria da Glória Vieira Rodrigues e marido Augusto Lopes Rodrigues, residentes em Mataduços, freguesia de Esgueira, deste concelho. Que essa Glória herdou o mencionado prédio de Tereza dos Anjos, falecida no estado de solteira e da qual foi a única herdeira, conforme escritura de habilitação outorgada neste Cartório em 17 de Abril em 1971, e que por sua vez a dita Tereza dos Anjos o adquiriu por herança de seu pai António Gonçalves Novo, falecido em 2 de Outubro de 1930, tendo-lhe sido adjudicado na partilha a que ela e os restantes herdeiros e o cônjuge sobrevivo procederam, nesse ano ou no princípio do ano imediato. A partilha foi devidamente titulada, mas apesar das diligências efectuadas, não foi possível aos justificantes, localizar o Cartório onde a mesma foi lavrada, não tendo por isso possibilidade de obter o título e de comprovar pelos meios normais, essa transmissão, motivo porque recorreram à escritura de justificação para efeitos de registo predial.

Está conforme ao original.

Aveiro, 31 de Março de 1972.

O Ajudante,
Luís dos Santos Ratola

Pescarias Rio Novo do Príncipe, S. A. R. L.

CAPITAL: 7 500 000$00

Sede — Cais das Pirâmides, n.º 7 — AVEIRO

Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal do Exercício de 1971

Ex.^mos Senhores:

Em cumprimento das determinações legais, submete-se à apreciação de V. Ex.as, o presente relatório e as contas que o acompanham, respeitantes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1971.

I — SITUAÇÃO ECONÓMICA

1. Gestão Social

1.1 Os resultados francamente positivos que se obtiveram na exploração da pesca costeira, devem-se, exclusivamente, à abolição do imposto do pescado, embora e de certo modo, para a sua formação, deva tomar-se em conta, o facto do preço do peixe, em épocas de abundância, não se ter aviltado, como anteriormente acontecia.

Esta última situação, porém, não resultou de qualquer alteração ocorrida na comercialização do pescado, que se mantém precária, mas antes se ficou a dever a factores económicos alheios à organização das pescas.

1.2 Continuaram a agravar-se os custos de produção, não apenas pelo encarecimento da mão-de-obra, em especial dos respectivos encargos parafiscais, como ainda pelo constante aumento de preço de todos os materiais e produtos, indispensáveis à laboração.

1.3 Prevê-se, também, o agravamento dos encargos administrativos, à margem do funcionamento normal da empresa, por força de leis que se anunciam.

1.4 Por razões já conhecidas, continuou a administração a preocupar-se com a possível venda ou aluguer do prédio que, em princípio, se destinava a servir de sede à Empresa.

1.5 Do que sucintamente se expõe, é de concluir que deverá manter-se a gestão social sob o mesmo regime de prudência económica que, aliás, vem a seguir-se desde a transformação formal da Empresa.

1.6 Não obstante, entende a administração, sem receio de molestar a situação económica da Empresa, poder chamar a cobrir uma pequena parte dos prejuízos dos exercícios anteriores, a «Reserva Legal», possibilitando-se, desse modo, a atribuição de um dividendo que, sem ser, sequer, razoável como remuneração do capital, pelo menos possa significar a preocupação administrativa, no sentido de compensar os Accionistas, de uma tão longa ausência de retribuição financeira.

2. Actividade

2.1 Pesca Costeira

O rendimento ilíquido do pescado, atingiu o montante de 8 283 contos, aproximadamente, com 1 592 toneladas de peixe, que foi vendido ao preço médio de 5$20 por quilo.

No exercício anterior, o rendimento ilíquido foi de 5 570 contos, com 1 560 toneladas de peixe, ao preço médio de 3$57 por quilo.

Os gastos de exploração e de vendagem, totalizaram 6 014 contos, representando 72,60 % do rendimento ilíquido do pescado, cabendo à exploração 62,28 % e à vendagem 10,35 %, daquele rendimento.

Em 1970, as referidas taxas cifraram-se em 73,74%, 59,11% e 14,81%.

O resultado líquido da exploração, ascendeu a 2 268 contos, isto é, 27,38%, do rendimento ilíquido do pescado.

Aquele resultado, no exercício de 1970, foi de 1 451 contos, correspondendo a 26,07%.

2.2 Exploração de Imóveis

Já perto do termo do exercício, foi alugada uma das dependências do edifício social.

Por isso, o saldo positivo obtido na exploração daquele imóvel e se vê da conta de «Lucros e Perdas», resulta do valor das rendas recebidas, deduzido dos encargos inerentes à exploração.

2.3 Gastos de Administração

Os gastos gerais da administração, importaram em 157 contos, absorvendo, portanto, 1,85%, do rendimento total da Empresa, que foi de 8 446 contos.

Os mesmos gastos, referentes a 1970, custaram 139 contos, consumindo, assim, 2,48%, também do respectivo rendimento total — 5 613 contos.

3. Investimentos

3.1 Arrastão «Foz do Príncipe»

Introduzida, como se impunha, a modificação do sistema de recolha do aparelho, houve que investir nesta unidade, para esse efeito, a importância de 152 864$60 que, com outros gastos, elevaram o custo inicial efectivo deste navio, para 6 138 856$60.

3.2 Edifício Social

Em acabamentos de algumas das suas dependências, foi investida a quantia de 172 330$90, pelo que o custo do edifício social, de momento, monta a escudos 963 387$90.

II — SITUAÇÃO FINANCEIRA

Decorreu o exercício sem dificuldades de ordem financeira e, presentemente, é já objecto de cuidados, por parte da administração, o emprego do capital excedente, por forma a que dele seja obtido rendimento adequado.

III — RESULTADOS

Os resultados do exercício, evidenciados pela conta de «Lucros e Perdas», são de 1 240 444$90 e representam 14,68% do rendimento da Empresa e 15,37%, do capital próprio.

Para tornar possível a atribuição de um dividendo de 6% — que a administração reputa de aceitável — importa, antes de mais, tomar em consideração que a lei obriga a anulação do saldo negativo apresentado pela conta de «Lucros e Perdas», que é de 711 111$00, à custa dos resultados positivos registados no exercício.

Assim, há que, oportunamente, cobrir uma parte — 34 839$60, importância necessária para o efeito — daquele saldo negativo, com igual quantia a sair da conta de «Reserva Legal», reduzindo-se, por essa forma, o seu montante para escudos 676 271$40.

Consequentemente, propõe-se, para os resultados deste exercício, a distribuição seguinte:

— Reserva Legal (5%)	62 173$50
— 1.ª parte do art.º 16.º, dos Estatutos	52 000$00
— dividendo de 6%, cativo de impostos	450 000$00
— para anulação do saldo negativo anterior	676 271$40
— Total	1 240 444$90

IV — ÓRGÃOS SOCIAIS

Com o exercício de 1971, terminou o mandato administrativo e, por isso, há que proceder à eleição de novos membros para os cargos da Mesa da Assembleia Geral, Conselho Fiscal e Conselho de Administração, para servirem no triénio de 1972-1974.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

aa) *Arnaldo Ferreira* (Presidente)
Carlos Valente da Silva Rezende
Silvério Ferreira Balseiro

BALANÇO

ACTIVO

DISPONÍVEL			
Caixa		14 784$60	
Depósitos à Ordem		6 888$40	21 673$00
REALIZÁVEL			
Depósitos a Prazo			1 413 125$00
IMOBILIZADO			
Técnico			
Embarcações	11 222 916$90		
amortizações	-3 520 760$90	7 702 156$00	
Móveis e Utensílios	13 518$70		
amortizações	-8 778$24	4 740$50	
Organização Social	122 896$70		
amortizações	-118 222$70	4 674$00	
Edifício Social (em acabamento)		963 387$90	
		8 674 958$40	
De Fruição			
Participações Financeiras		61 100$00	8 736 058$40
			10 170 856$40
CONTAS DE ORDEM			
Acções em Caução Administrativa			120 000$00
			10 290 856$40

PASSIVO

EXIGÍVEL			
Devedores e Credores		1 535 887$00	
Impostos a Pagar		35 809$00	1 571 696$00
SITUAÇÃO LÍQUIDA ACTIVA			
INICIAL			
Capital		7 500 000$00	
ACUMULADA			
Reserva Legal		569 826$50	
		8 069 826$50	
ADQUIRIDA			
Resultados de exercícios anteriores	-711 111$00		
Resultado deste exer.	1 240 444$90	529 333$90	8 599 160$40
			10 170 856$40
CONTAS DE ORDEM			120 000$00
Credores por Acções em Caução			10 290 856$40

Aveiro, 31 de Dezembro de 1971

O Conselho de Administração,

aa) Arnaldo Ferreira (Presidente)
Carlos Valente da Silva Rezende
Silvério Ferreira Balseiro

O Guarda-Livros,

a) Francisco Porfírio de Carvalho e Silva

CONTA DE LUCROS E PERDAS

(DESENVOLVIMENTO)

CUSTOS			
Saldo do exercício anterior			711 111$00
GASTOS DE ADMINISTRAÇÃO			
Remunerações			
Órgãos sociais	86 400$00		
Pessoal	19 641$60	106 041$60	
Encargos fiscais		31$00	
Encargos parafiscais		3 477$40	
Encargos diversos		47 338$60	156 888$60
GASTOS DE EXPLORAÇÃO			
Pesca Costeira			
Matérias subsidiárias	1 145 991$40		
Seguros	499 143$60		
Reparações	729 740$30		
Remunerações	2 029 331$60		
Encargos parafiscais	268 157$60		
Encargos diversos	486 544$50	5 158 909$00	
Encargos de vendagem:			
Taxas diversas	426 624$10		
Impostos diversos	75 647$10		
G. Fiscal e P. Marítima	6 951$00		
Diversos	346 789$90	856 012$10	6 014 921$10
Exploração de Imóveis			
Encargos diversos			1 531$20
JUROS E DESCONTOS			
Juros e outros encargos financeiros		2 263$90	
Diferenças		2$20	2 266$10
OUTROS CUSTOS			
Custos diferidos			19 968$90
AMORTIZAÇÕES E REINTEGRAÇÕES			
Amortizações e reintegrações efectuadas			1 010 534$90
Saldo para o exercício seguinte:			
do exercício anterior		—711 111$00	
resultado positivo do exercício		1 240 444$90	529 333$90
			8 446 555$70
PROVEITOS			
Pesca Costeira			
Rendimento bruto			8 283 290$00
Exploração de Imóveis			
Rendas recebidas			4 800$00
JUROS E DESCONTOS			
Juros de depósitos em bancos		28 034$00	
Descontos obtidos		627$60	
Diferenças		118$50	28 780$10
OUTROS PROVEITOS			
Bónus recebidos de fornecedores		19 334$40	
Devolução de prémios de seguro		9 807$70	
Proveitos deferidos		98 335$00	
Venda de resíduos de Peixe		2 208$50	129 685$60
			8 446 555$70

Aveiro, 31 de Dezembro de 1971

O Conselho de Administração,

aa) Arnaldo Ferreira (Presidente)
Carlos Valente da Silva Rezende
Silvério Ferreira Balseiro

O Guarda-Livros,

a) Francisco Porfírio de Carvalho e Silva

Relatório-Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

Como a lei impõe, foram presentes a este Conselho Fiscal, o Relatório do Conselho de Administração relativo ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1971, bem como as respectivas contas e demais elementos necessários.

Oportuna e convenientemente analisados aqueles documentos, cumpre relatar:

a) a contabilidade, o balanço, a conta de «Lucros e Perdas» e o Relatório da Administração, reflectindo e esclarecendo a vida económica e financeira da Empresa, satisfazem, em seu entender, as exigências da Lei e dos Estatutos;

b) no decurso do exercício, foram regularmente efectuadas as averiguações entendidas pertinentes, tendo sido sempre prestados pelo Conselho de Administração, as justificações ou esclarecimentos solicitados; e

c) a avaliação dos bens e valores da Empresa, com base em custos efectivos, está correctamente evidenciada no mapa de balanço em apreço.

Pelo exposto, é este Conselho Fiscal de parecer: —

— que o Balanço e demais contas que o acompanham devem ser aprovados.

Expirado o período por que haviam sido eleitos, há que proceder à eleição de novos membros para os respectivos cargos, da Mesa da Assembleia Geral, Conselho de Administração e Conselho Fiscal.

Aveiro, 21 de Fevereiro de 1972.

O CONSELHO FISCAL,

aa) *Basílio Ramos Balseiro* (Presidente)
Manuel Capitolino Pata
António Gonçalves Pericão

POSTAL DE LUANDA

ESCRITO PELO TENENTE JOAQUIM DUARTE

A semana da Páscoa, em Luanda, foi particularmente festiva no campo desportivo. Reuniram-se equipas de hóquei em patins da Metrópole, de Lourenço Marques e de Luanda, numa competição rotulada de preparação com vista aos próximos jogos internacionais, mas que constituiu, antes, um aproveitamento circunstancial do entusiasmo que reina por estas paragens com a modalidade número um dos portugueses no concerto internacional.

Para além dos resultados, que sempre ajudam a exprimir a capacidade das equipas, ficou a promessa de intercâmbio, muito de considerar nestes tempos em que o avião, em poucas horas, resolve milhentos problemas das viagens.

O caso, por exemplo, da equipa de natação da Associação Académica de Coimbra, que se deslocou ao Lobito e a esta cidade de S. Paulo de Assunção nas breves férias da Páscoa. É provável que os estudantes tenham regressado já a Coimbra, quando o *Litoral* sair; sendo assim, o Dr. Mendes Silva, chefe da embaixada coimbrã, poderá confirmar, ou até ampliar, a excelente impressão entre todos os componentes da equipa (miúdas e rapazes) de tudo quanto lhes foi dado observar. De resto, as palavras do Dr. Mendes Silva — verdadeiro desportista — proferidas aos microfones de *Rádio Ecclesia* são bem esclarecedoras. Positivamente encantado, lembrou quanto de interesse em deslocações mais intensas, de molde a permitir que todos os estudantes portugueses, antes de atingirem o 7.º ano liceal, pudessem verificar, com os seus próprios olhos, estas maravilhosas terras do Ultramar.

Num salto brusco, mas perfeitamente justificado, não queremos deixar de lembrar o caso José Albuquerque, popularizado no ciclismo de há 30 anos como *Faísca*. O apelo, chegado por via marítima até nós, em comunicado da Federação Portuguesa de Ciclis-

Continua na página seis

HÓQUEI em PATINS

CAMPEONATO METROPOLITANO DA II DIVISÃO — AVEIRO

Até segunda-feira, 10 do corrente, encontram-se abertas as inscrições dos clubes integrados na Associação de Patinagem de Aveiro no Campeonato Metropolitano da II Divisão (fase distrital de Aveiro) e, ainda, nos Campeonatos Distritais de Iniciados (13 e 14 anos), Juvenis (15 e 16 anos) e Juniores (17 e 18 anos).

No referido dia, pelas 21.30 horas, na sede do Beira-Mar, efectua-se uma reunião de delegados dos diversos clubes, procedendo-se aos sorteios e à elaboração dos calendários dos jogos das aludidas competições.

Serão ainda marcadas as datas e os recintos para a próxima eliminatória e para a final da «Taça Ernesto Ferreira de Pinho» — prova que teve o seu início ontem, à noite, com jogos em S. João da Madeira e Sangalhos, conforme noticiámos.

FUTEBOL

TAÇA DE PORTUGAL

V. Setúbal, 3 — Beira-Mar, 0

Jogo no Estádio do Bonfim, em Setúbal, sob arbitragem do sr. Adelino Antunes, da Comissão Distrital de Lisboa.

As equipas:

V. SETÚBAL — Vaz; Rebelo, Cardoso, José Mendes (Correia, aos 77 m.) e Carriço; Octávio e Matine; José Maria, Torres (Guerreiro, aos 71 m.), Arcanjo e Jacinto João.

BEIRA-MAR — Domingos; Jerónimo, Marques, Soares e Almeida; Inguila e Cleo; Nèlinho, Eduardo (Ferreira, aos 77 m.), Colorado (Carmo Pais, aos 59 m.) e Adé.

Confirmando as provisões gerais, os sadinos resolveram a eliminatória a seu favor — prosseguindo na competição, de que têm sido os grandes animadores (e dos principais favoritos...) nas últimas épocas. O desafio foi agradável, mesmo disputado em toada lenta, sendo de assinalar a réplica animosa (mas pouco firme e pouco audaz...) dos aveirenses.

Ao intervalo, havia 1-0 — em golo de Torres, apontado aos 11 m. O mesmo jogador, aos 69 m., elevou para 2-0; e, no minuto final, Jacinto João converteu vitoriosamente uma grande penalidade, estabelecendo o score de 3-0.

Arbitragem bem conduzida.

Resultados da 5.ª eliminatória:

V. SETÚBAL — BEIRA-MAR . 3-0
SPORTING — SINTRENSE . . 3-0
PORTO — FARENSE 3-1
BARREIRENSE — C. PIEDADE 0-2
TIRSENSE — LEIXÕES . . . 1-1
ATLÉTICO — BOAVISTA . . 1-0
BELENENSES — V. GUIMAR. 1-0

Na quarta-feira, no desafio de desempate regulamentar, voltaram a defrontar-se LEIXÕES e TIRSENSE, finalizando o prélio com a vitória do Leixões, por 3-1.

Próxima eliminatória:

BELENENSES — V. SETÚBAL
ATLÉTICO — PORTO
SPORTING — LEIXÕES
C. PIEDADE — (a)
(a) — BENFICA ou MARINHENSE

JOGO PARTICULAR

Na Tocha, vitória do Beira-Mar (2-0)

No domingo, uma equipa do Beira-Mar deslocou-se à Tocha, para defrontar, em prélio amistoso, o grupo local.

A turma auri-negra, integrada de alguns ex-juniores, alinhou do seguinte modo: Modesto; Armando Luís, Loura, Henriques e Pinho (Gonçalves); Vítor (Ramiro) e Lázaro (Carlos Santos); Armando (Marçal), José Carlos, Alemão e Marçal (Cassiano).

O Beira-Mar venceu a partida, por 2-0 — sendo os golos, apontados por Alemão e José Carlos, obtidos no decurso da II parte.

Regresso do «NACIONAL» DA I DIVISÃO

Depois de mais uma semana de intervalo, prossegue o Campeonato Nacional da I Divisão — com uma jornada de palpitante interesse, a 25.ª, assim programada para este fim-de-semana.

HOJE

U. TOMAR — BARREIRENSE (3-0)

AMANHÃ

BELENENSES — BOAVISTA (0-2)
BENFICA — ATLÉTICO (5-1)
TIRSENSE — LEIXÕES (1-1)
BEIRA-MAR — ACADÉMICA (1-0)
V. SETÚBAL — GUIMARÃES (1-1)
C. U. F. — SPORTING (0-3)
PORTO — FARENSE (0-0)

Basquetebol

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Fica concluída, esta noite, a fase metropolitana do Campeonato Nacional da I Divisão, disputando-se os seguintes encontros, da 22.ª jornada:

GINÁSIO — GALITOS
B. P. M. — ACADÉMICO
VASCO DA GAMA — PORTO
SPORTING — ALGÉS
C. U. F. — ACADÉMICA
BENFICA — CARNIDE

Os desafios da Figueira da Foz e do Barreiro são os de maior interesse, em relação ao problema que toca com o apuramento de um dos finalistas e de um dos despromovidos — necessitando o Galitos de vencer o Ginásio para forçar o Desportivo da C. U. F. à «finalíssima da permanência», caso os cufistas sejam derrotados pela Académica.

II DIVISÃO

A prova retoma, esta noite, o seu curso normal, disputando-se, na Zona Norte, os seguintes encontros (11.ª jornada):

Série A

NUN'ÁLVARES — ILLIABUM
NAVAL — COVILHÃ
GUIFÕES — SANJOANENSE
C. D. U. P. — LEIXÕES

Série B

ESGUEIRA — SPORT (a)
SANGALHOS — FIGUEIRENSE
LEÇA — MARINHENSE
ED. FÍSICA — GAIA

(a) — Jogo marcado para amanhã pelas 10.30 horas.

● Tendo sido superiormente anulada a falta de comparência averbada pelo Esgueira no encontro da 7.ª jornada, foi marcado para o passado dia 4, terça-feira, o desafio Esgueira — Sangalhos — que se disputou no Pavilhão Gimnodesportivo e concluiu com vitória dos bairradinos por 85-62 (56-23, ao intervalo).

Arbitraram os srs. Albano

Continua na página seis

Andebol de 7

Campeonatos Nacionais

● I DIVISÃO

Depois de largo período de intervalo — motivado pela preparação e presença no Torneio Pré-Olímpico da Selecção Nacional e, em seguida, pela quadra da Páscoa —, o Campeonato da I Divisão vai reiniciar-se, esta noite, com os jogos da 19.ª jornada, que terá este programa geral:

BEIRA-MAR — ACADÉMICO
BENFICA — PADROENSE
PORTO — ALMADA
SPORTING — C. D. U. P.
V. SETÚBAL — BELENENSES
C. OURIQUE — TÉCNICO

Entretanto, para a 18.ª jornada, num dos desafios em atraso, o BELENENSES derrotou o PORTO por 22-17. Ficaram ainda por efectuar os prélios ACADÉMICO — ALMADA e BEIRA-MAR — SPORTING.

● JUVENIS

No sistema de eliminatória, como tem sucedido nas anteriores temporadas, realizou-se novamente a «Taça Nacional de Juvenis» — este ano em organização da Associação de Andebol de Setúbal.

Apuraram-se os seguintes resultados gerais.

BENFICA — GALITOS 17-5
D. PÓVOA — V. GUIMARÃES . 12-14
VILA REAL — BELENENSES . . 3-20
V. SETÚBAL — PORTO . . . 4-11

GALITOS — D. PÓVOA . . . 10-20
V. SETÚBAL — VILA REAL . . 23-7
BENFICA — V. GUIMARÃES . 18-8
PORTO — BELENENSES . . . 12-14

GALITOS — VILA REAL . . . 29-10
D. PÓVOA — V. SETÚBAL . . 13-12
PORTO — V. GUIMARÃES . . 14-12
BENFICA — BELENENSES . . 14-11

A classificação geral ficou ordenada deste modo: 1.º — Benfica. 2.º — Belenenses. 3.º — Porto. 4.º — Vitória de Guimarães. 5.º — Desportivo da Póvoa. 6.º — Vitória de Setúbal. 7.º — Galitos. 8.º — Escola Comercial de Vila Real.

RECORTES

Rubrica coordenada pelo DR. LÚCIO LEMOS

A importância de SABER NADAR

Que era importante saber nadar, já de há muito o sabíamos. Pudera! Quem ousaria, pois, pensar de maneira diferente? Sim, sobretudo tratando-se de ensinar a nadar crianças de tenra idade?!

Ora, nada mais concludente do que a abalizada opinião do ministro da Saúde da República Federal Alemã, por sinal uma senhora (Kate Strobel), que há cerca de um ano se pronunciou a favor do ensino de natação a crianças a partir dos primeiros anos de vida. Mas a Sociedade Alemã de Socorros a Náufragos vai mais longe ao afirmar que «é tão importante ensinar a nadar como mandar vacinar».

Para além de um natural (e pequeno — supomos) exagero, no arrojo de semelhante afirmação, não restam dúvidas a quem quer que seja de que tem razão de ser a tese perfilhada pela referida Sociedade alemã, já que todos os anos se afogam milhares de crianças por esse Mundo fora.

E assim é que na Alemanha Ocidental já funcionam cursos de natação para crianças de dois a seis anos, em várias cidades, sendo sensacionais alguns dos resultados já conseguidos, segundo um instrutor de Munique (Heinz Bauermeister).

Por outro lado, uma consoladora realidade há a assinalar: os pais das crianças que aprendem cedo a nadar verificaram com espanto que intelectualmente se mostram mais activas e mais animadas do que as da mesma idade que ainda não aprenderam a nadar.

Em face de tão convincentes provas e atendendo, pois, aos extraordinários benefícios que da prática de tão salutar desporto poderão vir a usufruir milhares e

Continua na pagina seis

XADREZ DE NOTÍCIAS

Amanhã, no jogo Beira-Mar — Académica, realiza-se mais um «Dia do Clube» — pelo que os sócios dos beiramarenses terão de adquirir bilhete de ingresso no Estádio de Mário Duarte.

Na noite de 15 de Abril, sábado próximo, realiza-se no Pavilhão Gimnodesportivo de Aveiro o encontro internacional de ginástica desportiva Portugal — África do Sul (equipas femininas) — em organização do Sporting de Aveiro, com patrocínio da Federação Portuguesa de Ginástica.

A Federação Portuguesa de Basquetebol puniu o Clube dos Galitos com repreensão registada — em consequência dos incidentes ocorridos no Pavilhão Gimnodesportivo, na altura do jogo contra o Vasco da Gama.

O mesmo organismo, e com referência ao jogo Galitos — Académico, castigou dois basquetebolistas: Manuel Antunes (Galitos), com 60 dias de suspensão; e Robin Shepley Clark (Académico), com 45 dias de suspensão, reduzidos a 25 — iniciando-se os castigos em 26 de Março.

O IV Campeonato Nacional de «Moto-Cross» vai iniciar-se em 16 do corrente mês de Abril, com uma prova marcada para Leça do Balio. Ao longo da época, foram previstas para a nossa região duas das doze corridas oficiais que integram o campeonato: em 30 de Julho, o «Grande Prémio Casal»; e, em 22 de Outubro, o «Grande Prémio de Águeda».

Amanhã, pelas 17.30 horas, efectua-se nesta cidade, no Pavilhão Gimnodesportivo, o desafio de basquetebol entre as equipas femininas do Académico do Porto e da Académica de Coimbra, para se apurar o vencedor da Zona Norte do respectivo Campeonato Nacional.